

I- Editorial

A edição de 2015 da revista Mare Nostrum pode ser apontada como o número que interpreta de forma mais literal o nome do laboratório ao qual é vinculada – Laboratório de Estudos sobre o Império Romano, LEIR . Como se sabe, o LEIR-MA/USP é o representante paulista desse Laboratório de abrangência nacional, mas com a especificidade de também contar com pesquisadores cujos temas estão associados à história de outras sociedades e comunidades do Mediterrâneo Antigo. A Revista *Mare Nostrum* VI traz um conjunto de artigos que analisa, exclusivamente, o Império Romano, dos seus primórdios com as Guerras Civis do século I a.C. aos seus problemas sociais e estruturais no século V d.C.

Organizados em ordem cronológica, começamos com dois textos que abordam as guerras civis em que Júlio César sagrara-se vencedor. O texto de Ygor Klain Belchior, “Do texto para a batalha: a Fama e o Rumor nas Guerras Civis (49-45 a.C. e 68-69 d.C.)”, possui como questão central a possibilidade de pensar historicamente os rumores – neste caso, para analisar as guerras civis (descritas no título) e as estratégias dos seus atores envolvidos. Dividido em três partes, seu artigo, primeiramente, apresenta e justifica as fontes a serem estudadas – tais como as Guerras Gálicas de César, as Farsálias de Lucano, as Histórias de Tácito, As Vidas dos Doze Césares de Suetônio, entre outras –, para, em seguida, analisar o uso dos termos "Rumor" e "Fama" buscando, na última parte, verificar a possibilidade de relacionar suas disseminações com a dinâmica social dos períodos estudados. Este autor entende ser possível pensar as interações sociais de vários dos agentes envolvidos nos conflitos das guerras civis a partir dos rumores, abrindo espaço, inclusive, para uma história “vista por baixo”.

Por outro lado, o texto de Giovane Vasconcellos Cella “Os gauleses de César: a etnografia e a *virtus* no Bello Gallico” procura discutir e articular os escritos de César à tradição etnográfica. O autor propõe um interessante debate acerca da noção de tradição etnográfica, isto é, da manutenção, desde Homero, de uma prática de descrever povos com costumes distintos visando seu reconhecimento. Segundo Cella, os escritos de César podem ser alocados nessa tradição, mas com uma diferencial: César procurava promover seus feitos, e para tanto, achou nesse gênero o caminho ideal.

Procurando analisar os primeiros passos do Principado e seu impacto na sociedade romana, Ana Lúcia Santos Coelho e Fabrício Sparvoli Godoy apresentam dois textos que lidam com fontes do século I d.C., mas analisam aspectos distintos desse período. Coelho lida com a questão do poder imperial, e como ele ressoa na produção poética de alguns autores. São estudados cinco autores: Virgílio, Horácio, Sexto Propércio, Albio Tibulo e Ovídio. Divididos em três blocos, esses autores e suas obras demonstram que, segundo a autora, a figura do imperador deixa de ser central na poesia, dando lugar a entidades mais abstratas, que, ao final, com Ovídio, enaltecem as benesses do Império, e não mais de indivíduos. Já Fabrício S. Godoy apresenta uma detalhada discussão de um trecho da obra *Satyricon* do escritor romano Petronio. Nele – um diálogo entre três homens livres que formam um triângulo amoroso –, Godoy identifica um tratamento entre iguais, com os personagens trocando de papéis constantemente. Para este autor, trata-se de uma demonstração da complexidade das relações sociais na sociedade romana, em que oposições binárias são substituídas por visões mais diversas, neste caso, sobre a da

homossexualidade. Essa análise procura se opor a um modelo interpretativo baseado nas ideias de Michel Foucault sobre a história da sexualidade – o “penetration model”, que via a homossexualidade masculina como sendo binária, entre um agente ativo que penetra (e domina a relação) e um passivo que é penetrado (e é dominado nas relações sociais, como, por exemplo, um escravo). Ao propor essa interpretação, Godoy constrói uma visão que demonstra a complexidade de tais temas, substituindo aquelas que apenas endossam o ponto de vista das fontes.

O último bloco de textos diz respeito aos séculos IV e V, centrais nos estudos sobre a assim chamada crise do Império Romano Ocidental e a Antiguidade Tardia. Assim como acontece nos blocos anteriores, a tensão entre uma narrativa histórica dos donos do poder e uma dos “de baixo” se faz presente, mas, aqui, aparece com mais intensidade. Cynthia Oliveira centra seu artigo na análise das *Res Gestae* de Amiano Marcelino. Apoiada nos conceitos de mapa mental e espaço hodológico, a autora procura apresentar uma leitura dos livros XV e XVI desta obra que lhe permita identificar como Amiano Marcelino constrói os espaços em sua narrativa. A autora traz, primeiramente, uma discussão dos dois conceitos citados, para, em seguida fazer uma apresentação da obra e seu escritor. Oliveira analisa, principalmente, as tensões existentes entre Constâncio II e Juliano dentro da primeira parte das *Res Gestae*, o que lhe permite apontar que estes – em comunhão com seus exércitos e cortes – podem ser considerados centros do poder imperial – em oposição a locais fixos. Uiran Gebara da Silva, por outro lado, nega categoricamente a existência de uma revolução social na Antiguidade, mas busca, por outro lado, valorizar a importância dos movimentos sociais e das insurreições de classes subalternas nas narrativas históricas. Para poder sustentar tal posição, Silva compara dois movimentos sociais (os *Bagaudae* na Gália dos séculos IV e V e os Circunceliões do norte da África no mesmo período) buscando verificar em que medida o contexto social e a experiência de classe (no cotidiano de vida e de trabalho) das comunidades das zonas rurais foram fatores determinantes para a ocorrência dessas revoltas. Um dos seus principais objetivos é se contrapor a correntes que explicam mudanças estruturais no período analisado a partir das teorias hoje contestadas da ausência de escravos ou do pré-feudalismo. Em contrapartida, o autor propõe que, no período analisado, há um reajuste do Império Romano aos padrões de crescimento de sociedades pré-capitalista, o que teria causado uma crise da hegemonia da aristocracia agrária no campo, evidenciada pelos levantes populares analisados. Fossem para garantir as cobranças de impostos, ou para fazerem valer um discurso religioso, as ações do Estado romano são repelidas por esses grupos, transformando-os, assim, em ótimos exemplos para se pensar o aumento de propostas alternativas àquelas impostas pelas classes dominantes.

Ao fim desta edição, apresentamos também três resenhas: do livro de Norberto Luiz Guarinello, *História Antiga* [2014], por Caroline Morato Martins; de *The Etruscans: a very short introduction* [2014], de Christopher Smith, e de *Quando o nosso mundo se tornou cristão* [2010], de Paul Veyne, por Márlcio Aguiar.